

REPORTAGEM ESPECIAL

SEM FUTURO

15 MIL JOVENS

NÃO SABEM LER

O analfabetismo na faixa etária de 15 a 29 anos mostra que o problema não acabou, embora seja considerado inaceitável nos dias atuais

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Há pouco mais de um ano, Ana Paula escreveu, pela primeira vez, o seu nome completo. Foi num projeto educacional que frequentou por alguns meses, perto da casa onde mora, que ela teve a chance de conhecer as primeiras letras. Filha de pais analfabetos, ela nunca frequentou uma escola regular. A não ser quando, com mais de 20 anos, tentou assistir às aulas da 6ª série. Não conseguiu.

Ana Paula Felix da Chacrinha tem 28 anos. Mora em Gurigica, Vitória, e é um entre quase 640 jovens entre 15 e 29 anos da Capital que não foram alfabetizados. Em todo o Estado, há cerca de outros 15,5 mil analfabetos nessa idade, segundo o Censo 2010 do IBGE.

Embora possa parecer pouco – eles representam 1,6% da população – o número é preocupante por mostrar que o analfabetismo não é um problema que ficou no passado: há uma nova geração de iletrados se formando.

O pior: ser analfabeto, nos dias de hoje, significa não ter acesso sequer aos empregos que exigem menor qualificação. É por isso que o número preocupa e é considerado alto por especialistas e pelo próprio poder público.

“Isso é fruto de um desca-so histórico com a Educação que, felizmente, tem mudado. Ainda hoje, porém, é comum naturalizarmos o fracasso escolar e tolerarmos a ideia de que algumas pes-



Ana Paula tem 28 anos e só agora dá os primeiros passos para entender as letras e o mundo

RICARDO MEDEIROS



Márcio (de verde) aprendeu a ler com a ajuda da Wesley: ele queria dirigir

BERNARDO COUTINHO

soas simplesmente não tiveram acesso à educação”, explica a diretora-executiva da Ong Todos Pela Educação, Priscila Cruz.

FUTURO INCERTO

Diferentemente da maioria da população analfabeta – 63% dos analfabetos, no Brasil, tem mais de 60 anos de idade – Ana Paula e os outros 1,5 milhão de jovens no país que não sabem ler têm um futuro inteiro de incertezas pela frente.

Foi só no último dia 25, por exemplo, que a jovem conseguiu o primeiro emprego, como ajudante na cozinha de um restaurante que vende marmittas, perto de casa. Recebe, agora, menos de um salário mínimo: R\$ 260 por mês. “Fico mais em casa, fazendo almoço e ‘janta’ para o meu pai. É muito difícil arrumar emprego. As pessoas acham que a gente não sabe fazer as coisas”, alega.

O pai dela, Idaril Reis da Chacrinha, 64 anos, diz que os filhos não frequentaram a escola porque não valia a pena: “Só o meu menino, mais velho, é que chegou a ir quando era pequeno, mas ficou dois anos e não aprendeu nada. Coloquei ele para trabalhar, com 10 anos, porque não estava dando certo. A vida não era fácil. A Ana Paula acabou nem indo. Mas agora a vida dela vai mudar, se Deus quiser”, diz.

“

Antes tínhamos o desafio de trazer as crianças para a escola, hoje tentamos fazê-las não sair

SAMUEL MORENO FERREIRA
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DE IBITIRAMA

INTERIOR

Apesar do maior número da população jovem analfa-

beta estar na Grande Vitória, é no interior que eles percentualmente representam uma parcela significativa da população. Em Ibitirama, por exemplo, quase 6% dos jovens de 15 a 29 anos não sabem ler. O município – emancipado há 24 anos – possui cerca de nove mil habitantes que vivem, principalmente, do comércio local e das lavouras de café.

O secretário municipal de Educação, Samuel Moreno Ferreira, admite que o desafio na educação dos jovens é constante. “A taxa de evasão escolar é altíssima no período da safra do café, entre maio e setembro, geralmente. O analfabetismo está muito ligado ao fator socioeconômico e está mais presente no meio rural. Se antes tínhamos o desafio de trazer as crianças para escola, hoje continuamos tentando fazê-las não sair”.

Nas cidades da Grande Vitória, os maiores percentuais de analfabetismo entre jovens também estão concentrados nas áreas mais pobres. Mas, diferente do interior, na região metropolitana a explicação para essa realidade está ligada a um fator ainda mais grave, como explica Priscila Cruz: “A violência geralmente está presente na história de vida dos jovens que não tiveram educação. Ela acaba sendo a oportunidade que encontram diante da falta de perspectiva”, diz a diretora-executiva do Todos pela Educação.

Alguns dos bairros com maiores percentuais de jovens analfabetos, na Grande Vitória, são: Vila Cajueiro e Formate, em Cariacica, Glória e Morada da Barra, em Vila Velha, Conquista e Nova Palestina, em Vitória, e Nova Almeida e Cidade Nova, na Serra.

PROBLEMA MAIOR

O analfabetismo entre jovens é apenas uma face de um problema ainda maior. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2011, 16,3% dos jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola. Ou seja, atualmente há, no Brasil, mais de 8,8 milhões de jovens que não estudam nem trabalham.

“É um atestado de derrota para o país, em pleno século XXI. Dos alunos que concluem o ensino médio, só 11% aprende o que é esperado em Matemática. Mesmo estando na escola, não estão aprendendo. E você não vê a população se indignando com isso como

O RETRATO DO ATRASO



BRASIL
Mais de **1,5 milhão** de jovens entre 15 e 29 anos são analfabetos

Os estados com maior percentual de jovens analfabetos são

Alagoas	10%
Maranhão	7,5%
Piauí	7,3%

Possuem os menores percentuais

Rio Grande do Sul	1%
Distrito Federal	0,9%
Santa Catarina	0,9%



ESTADO
No Espírito Santo são cerca de **15,5 mil** jovens entre 15 e 29 anos analfabetos

Na Grande Vitória e nas maiores cidades do interior concentra-se a maior quantidade de jovens analfabetos:

Serra	1.452
Cariacica	1.371
Vila Velha	1.113
Linhares	883
Vitória	639
Cachoeiro	621

As cidades com maior percentual de analfabetos no Estado são

1- Ibitirama	5,9%
2- Brejetuba	4,5%
3- Dolores do Rio Preto	4,4%
4- Muniz Freire	4,2%
5- Água Doce do Norte	3,9%
6- Sooretama	3,7%
7- Mantenedópolis	3,5%
8- Pres. Kennedy	3,5%
9- Iúna	3,5%
10- Mucurici	3,4%

OS BAIRROS DA GRANDE VITÓRIA COM MAIOR PERCENTUAL DE ANALFABETOS (%)

1 Vila Cajueiro	25,7	11 Nova Almeida	8,4
2 Área 1 e 2	13,9	12 Cidade Nova	7,8
3 Formate	8,3	13 Civit II	3,5
4 Santa Luzia	5,7	14 Barro Branco	3,4
5 Chácaras União	5,5	15 Parque das Gaiotas	2,9
6 Pica Pau	4,5	16 Praiamar	2,9
7 Alice	4,1	17 Parque Res. N. Almeida	2,7
8 Serra do Anil	3,4	18 Jardim da Serra	2,4
9 São João Batista	3,1	19 Campinho da Serra II	2,4
10 Alzira Ramos	3,0	20 Parque Nova Fé	2,4
		21 Conquista	2,8
		22 Nova Palestina	2,4
		23 Gurigica	2,3
		24 Piedade	2,2
		25 Cruzamento	2,0
		26 Grande Vitória	1,6
		27 Santo André	1,5
		28 Bairro da Penha	1,5
		29 Morro do Cabral	1,4
		30 Estrelinha	1,4
		31 Glória	3,5
		32 Morada da Barra	3,1
		33 Barramares	2,9
		34 23 de Maio	2,9
		35 Ponta da Fruta	2,8
		36 Jabaeté	2,8
		37 Cobi de Baixo	2,7
		38 Pontal das Garças	2,4
		39 Nova Ponta da Fruta	2,2
		40 João Goulart	2,2

A PALAVRA DO ESPECIALISTA

“A FALTA DE ESCOLARIZAÇÃO ABRE OPORTUNIDADE PARA A VIOLÊNCIA E PARA O TRÁFICO”

Gilda Cardoso
Doutora em Políticas Educacionais



“A situação do analfabetismo entre jovens, no Brasil é ainda mais grave quando levamos em conta também o analfabetismo funcional. Os dados do IBGE consideram somente o número de pessoas que não sabem ler e escrever, mas há uma parcela ainda maior da população que sabe apenas escrever o nome, por exemplo, mas não compreende aquilo que escreve. O Es-

tado não possui uma política de juventude clara, capaz de trazer de volta para a escola quem não aprendeu na idade certa. Campanhas para “combater” o analfabetismo são importantes, mas precisam ser, de fato, planejadas para terem efeito. Não é com campanhas que se acaba com o analfabetismo, mas com atitudes, estimulando as famílias e os jovens. Também é

deveria, e não vê gestores públicos comprometidos e preparados para lidar com o problema”, critica Priscila.

MUDANÇAS

O novo Plano Nacional da Educação (PNE), que tramita no Senado desde 2010, estabelece como uma das metas para a educação brasileira nos próximos 10 anos elevar a taxa de alfabetização no país para 93,5% até 2015 – hoje, a taxa é de 90,4%. Prevê, também, a erradicação completa do analfabetismo em 10 anos.

Para isso, aponta como estratégias a serem adotadas a realização de um diagnóstico dos jovens e adultos com ensino fundamental e médio incompletos, para identificar a demanda por vagas na educação de jovens e adultos (EJA); a criação de um benefício adicional para os que frequentarem cursos

de alfabetização, e a implantação de programas de capacitação tecnológica.

Segundo o secretário Estadual de Educação, Klinger Barbosa Alves, o Estado acaba de aderir ao programa do governo federal Brasil Alfabetizado, por meio do qual pretende levar de volta às salas de aula cerca de 25 mil adultos no Estado, a partir do próximo ano. “Estamos estimulando os municípios a colaborar identificando essas pessoas e indo em busca delas”, explica.

O programa deverá ter início nos municípios onde a proporção de pessoas analfabetas é alta e naqueles onde o número absoluto de analfabetos também é alto. “Os educadores serão treinados, porque a alfabetização adulta demanda uma didática e até mesmo materiais específicos, voltados para esse público. Vamos mobilizar os municípios a colaborar também”, diz.

UM RECOMEÇO

Enquanto isso, outros jovens, como o carpinteiro Marcio Silveira Sousa, 28 anos, tentam reescrever suas histórias por conta própria. Orgulhoso, ele mostra a carteira de habilitação conquistada há poucos meses. O documento é a realização de um sonho: Márcio venceu o analfabetismo há dois anos, motivado pela vontade de dirigir.

“Era um sonho distante. Eu tinha condições de pagar as taxas e as aulas da auto-escola, mas não podia porque não sabia ler nem escrever”, conta. Ele, então, começou a frequentar as aulas do projeto “São João na ponta do lápis”, onde Ana Paula também estudou, e conseguiu alcançar o seu objetivo. O projeto, coordenado pelo professor Wesley Alexandre da Silva, é mantido pela Faesa e atende a moradores da região de Gurigica.

Hoje, Marcio cursa a 5ª série do ensino fundamental do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, mesmo diante do desafio de concluir o ensino médio, não reclama e segue determinado a realizar mais um sonho: se tornar engenheiro civil. “Gostei tanto de aprender que continuo estudando. Meu sonho é entrar na faculdade. Já recebi a promessa de uma bolsa de estudos na faculdade e isso só me incentiva a continuar”, comemora. (Com a colaboração de Rosana Figueiredo)